

QUINTA-FEIRA
Lisboa--11 de Outubro--1928

5 CRISTÓES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **125**

o fião

semanário humorístico

Propriedade
CENÇA G
S. A. R. L.
LUZ SORIANO

RECTOR E EDITOR
RO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



Calendario agricola
(OUTUBRO)



**Trabalhos na horta da C. M. L. — Semeiam-se nabos na Avenida da Liberdade.
Cortam-se todas as arvores do Terreiro do Paço**



Os ditos da semana



5 de Outubro Tiveram este ano um brilho retumbante as festas de 5 de Outubro. O povo associou-se com entusiasmo a todas as manifestações de jubilo, pelo aniversário da implantação da Republica, como nunca. A alma republicana da cidade mais republicana da Europa vibrou estridentemente, desde o cortejo noturno da Avenida, até os últimos ecos festivos, do dia 5.

Mas, dirá o leitor, isto não é proprio dum jornal humorístico como *Sempre Fixe*, porque isto não tem piada nenhuma.

Pois não tem, e nisso mesmo é que consiste a piada.

Que semsaboria para tanta gente!...

Jornalistas do Porto

Lisboa recebeu, na semana passada, os jornalistas do Porto. Os camaradas de Lisboa receberam os camaradas do Porto de braços abertos e tudo se passou jornalisticamente.

Foi-se á chegada do comboio e deu noticia. Logo ali organizou-se uma columna... de jornalistas e poz-se-lhe um título — confraternização. Dispersos pelas ruas da capital, alguns camaradas de Lisboa estiveram de piquete junto deles, para materia de informações. Para alguns que já conheciam Lisboa, esta visita foi apenas uma revisão, para os outros uma noticia em primeira mão. Houve piadas a granel, houve casos da rua, houve o fogo do entusiasmo, e até houve Porto, e só não houve noticia do crime, nem

publicidade paga a tanto a linha.

Não faltou a provincia porque se foi ao Estoril e a Sintra e até não faltaram algumas caixas... de Champagne.

O artigo de fundo, fe lo Julião Quíntinha no Sindicato, e muitos outros fizeram *noticias soltas*.

Não esqueceu nada, nem mesmo o folhetim, logo á chegada, que é como quem diz, no fundo da primeira pagina, — na Estação do Rossio, assinado Martins dos Santos.

Aos nossos hospedes deram-se todas as provas de consideração e amizade, e deles recebemos comunicados de agradecimento.

A coisa foi tão completa que até houve mortos e, alguns de caixão á cova.

Talvez houvesse tambem algumas gralhas, mas essas facilmente as descobriram e desculparam os camaradas do Porto.

E tudo se fez a tempo e horas de modo que os nossos amigos não perderam o comboio.

Só houve uma coisa que propositadamente não fizemos—foi mandá-los á censura, para evitar que lhes cortassem algum artigo em que fizessem muito gosto.

Hip, Hip, Hurrah! pelos rapazes dos jornais do Porto.

A iluminação da Avenida

A Avenida abriu os olhos á luz no dia 3. Póde mesmo afirmar-se que a Avenida nasceu nesse dia. Até então, não passava dum sonho de Rosa Araujo e duma ilusão do alfacinha. Agora está-se na Avenida, tal

qual como no meio da rua; vê-se tudo o que se passa á nossa volta e só foi pena que, justamente no dia em que a Avenida abria os olhos, estivesse á beirinha de fechar os ditos, no Cais do Sodré, a parreira que lhe assistiu.

Com o grande melhoramento citadino deu-se um largo passo no caminho do progresso, mas destruiu-se, além dos antigos candieiros, um campo de manobras amorosas. Agora, terá o amor noturno de refugiar-se no Campo Grande, que tambem tem bancos, que tambem tem arvores, que tambem tem sombras convidativas e que tambem não tem policia.

Daqui para o futuro, até os movimentos revolucionarios se farão com mais limpeza e com menos estragos. Agora já as balas vêm o caminho e escusam de andar a esbarrar com os troncos das arvores e com as columnas dos candieiros. Acabaram-se os furos na Avenida.

O Lago do Parque

Lisboa já tem um lago, onde espriar a vista. Nunca o alfacinha imaginára vêr tanta agua doce nos dias da sua vida, tão acostumado tinha sido pelo sr. Carlos Pereira a não ter agua para lavar as peugas.

Ha gente que, ao abeirar-se do lago, onde quatro mangueiras fazem a serio o que a Companhia faz a brincar ha um rôr de anos, exclama de olhos arregalados:

— Ena! que tanta agua que ha no mundo!

Aquilo ficou obra asseada,

como não podia deixar de ser, tratando-se de agua limpa, mas falta-lhe ainda um complemento que o *Sempre Fixe* se propõe alvitrar, se o sr. Quirino da Fonseca der licença:

Falta-lhe uma bancada em toda a roda, suspensa dentro do lago e quasi á tona de agua, para, quando vier o verão, a gente pôr os pés de molho, como se faz ás flores, — para não murchar, porque deve ser amenissimo ir para ali a banhos, numa tarde canicular de agosto, com o lombo ao sol e os olhos esgazeados postos nas arvores da Avenida, quais modernos Tantolos a quem não falte a agua, mas a quem falte uma vesgashina de sombra, apesar de a haver ali tão perto, na Rotunda.

Os ardinias no Estoril

Agora que terminaram as festas do Estoril, onde os nossos sempre fixes botaram um figurão, cumpre prestar homenagem em nome dos ardinias, a todos os figurões que os acarinham, envolvendo nas mesmas palavras de gratidão a Sociedade Estoril que facilitou o meio de transporte, o Hotel Vergani que ofereceu o lunch, Ruy da Cunha que os treinou, o nosso director que os animou e incitou na lucta de tração e Alfredo Pinto que lhes distribuiu 10\$00 por cabeça, não esquecendo tambem Norberto de Araujo que foi o pae da festança e o pae dos fixes, como é sempre em todas as coisas que o papá *Diario de Lisboa* organisa.



— Que calor insupportavel!
— Será por isso que me sinto tão derretida ao pé de ti?



— Chamo voce, comessa-se um larapio?
— Perdão senhor cabo..., larapio não, «Cavalheiro de Industria»...

O agonisar dum povo

Raiava a aurora tão ambicionada por aquele povo. Os inumeros anos de propaganda entre o operariado e as escolas conseguira arregar nos animos a ideia de que dias felizes viriam, dias em que todos disfrutariam de iguais regalias, nivelando-se o pobre ao rico. E um dia, farto de ser expoliado por uma horda infinita de politicos cuja consciencia residia unicamente no seu bem-estar, o povo, acabrunhado pela fome a que a carencia de trabalho o levava, devido aos pesados impostos que eram cobrados para ocorrer ás fantasticas despesas dos cofres do Estado, revoltou-se. Uma onde interminavel de rostos palidos e escaveirados, cabelos revoltos ao vento, braços erguidos, as mãos crispadas segurando nos mais variados objectos, desde o machado á espingarda, correu ás repartições onde se acoitava a burocracia e fez correr o sangue de todos os que os haviam calcado durante inumeros anos.

Fez-se a caça ao rico, roubou-se, violou-se, matou-se e incendiou-se.

A noite caíra e a cidade offercia do alto das suas collinas um espectáculo desolador. As linguas de fogo lambiam os mais ricos palacios, cathedrais e fabricas. As ruas viam-se coalhadas de inumeros cadaveres, espalhados por milhares de entes de rostos barbados e que, salpicados de sangue, entoavam um hino terrivel. Ao longe, lobrigava-se o grupo diminuto dos que fugiam, sem saber para onde. Iam meio nus, atropelando-se, na ansia de se afastarem daquele pavor. Uma velha, de cabelos empastados pelo sangue, caíra. E toda aquela massa lhe passou por

cima. Um outro ancião vagueava louco por entre os destroços. Fóra milionario, tivera palacios e fabricas onde explorara os que ora se vingavam. Vira, sem poder insurgir-se contra o numero dos assaltantes, a sua casa saqueada, as suas fabricas destruidas e sua filha, uns lindos dezoto anos, morta pela canalha. Subjugado por tanta dor, enlouquecera. E aquela avalanche sanguinolenta, sequiosa de vingança, em vez de o matar, abandonou-o á sua desgraça.

... ..
Um ano passara, com razoavel bem-estar para todos. Mas a Ambição, que tudo perverte e vence, em pouco os lançou em cruenta miseria.

O commissario do povo, um ex-cadastrado, convencido de que o mundo é para os espertos, começou a estabelecer um luxo louco. Instalou-se num palacio outrora habitado por monarcas e presidentes, rodeando-se de um numeroso sequito, composto do mais humilimo trólha ao mais famigerado bombista dos tempos da propaganda. Dava inumeros banquetes, tinha amantes sem conta, com quem se mostrava publicamente. Todas as noites, num ex-theatro de opera, então teatro Bela Khun, onde iam as melhores companhias de revista (unico genero de teatro que aquela gente sabia apreciar) comparecia o commissario do povo, cercado de todos os seus acólitos e amantes, estas numa completa nudez, usando simplesmente uma parra de gaze bordada a matiz e os cabelos caídos em artisticos canudos, tapan-do-lhes os seios.

Os demais camarotes do teatro

eram ocupados por antigos elementos avançados, varinas e colarejas.

Era rara a noite em que o commissario do povo, no seu camarote, não despejava duzias de garrafas de verde tinto de Amaranthe (não gostava de «champagne»). Dentro em pouco, o seu habito tornara-se moda e era perfeito o estado de embriaguês de toda aquella elite, á saída das representações. Na sala de espectaculos, excitados pelas scenas pornograficas que se passavam no tablado, embriagados pelo vinho que corria a ródos, davam-se scenas escandalosas: as mulheres punham-se em atitudes extravagantes, proferindo obscenidades, e tudo delirava de goso.

... ..
As poucas tentativas de rebelião que o povo fizera eram prontamente sufocadas pela implacavel guarda-vermelha, de que faziam parte elementos duma antiga guarda nacional.

Os dominios coloniais, que durante seculos foram pertença desse povo, extorquiram-lhos uma nação ex-aliada, que agora ignobilmente o abandonava á sua sorte.

Havia sido decretado o amor livre. O vicio trouxe a fome. E então, o Governo intoleravel mandou imediatamente exterminar os que para nada serviam. Mataram-se os estroplados, limpam-se os hospitais e manicômios.

O sol abrazador dum verão que parecia não ter fim fez secar inumeras fontes. Cadaveres inseputos apodreciam ao sol. Uma peste desconhecida que matava em poucas horas dizimava a pouca população existente.

Um dia, aqueles desgraçados, fartos de pedir ao céu uma clemencia que não chegava, os olhos saídos das orbitas, a cor terrosa, os labios ardidos pela febre, espumando e rangendo os dentes, levantou o seu indomavel brado de revolta e, correndo ao palacio do commissario, assassinou-o, exercendo no seu cadaver as maiores sevicias.

E quando todos se dispunham a fazer canibalescos festins com a carne dos que morriam, a terra tremceu ininterruptamente, abrindo-se em largas bocas que expelliam fogo, e a agua do rio subiu terrivelmente. A multidão, ululante e pestifera, fugia desordenadamente duma morte certa.

Dentro em pouco, aquela parte da península era subvertida pelas aguas serenas do Oceano, levando consigo todo um passado de gloriosas epopeias.

* * *

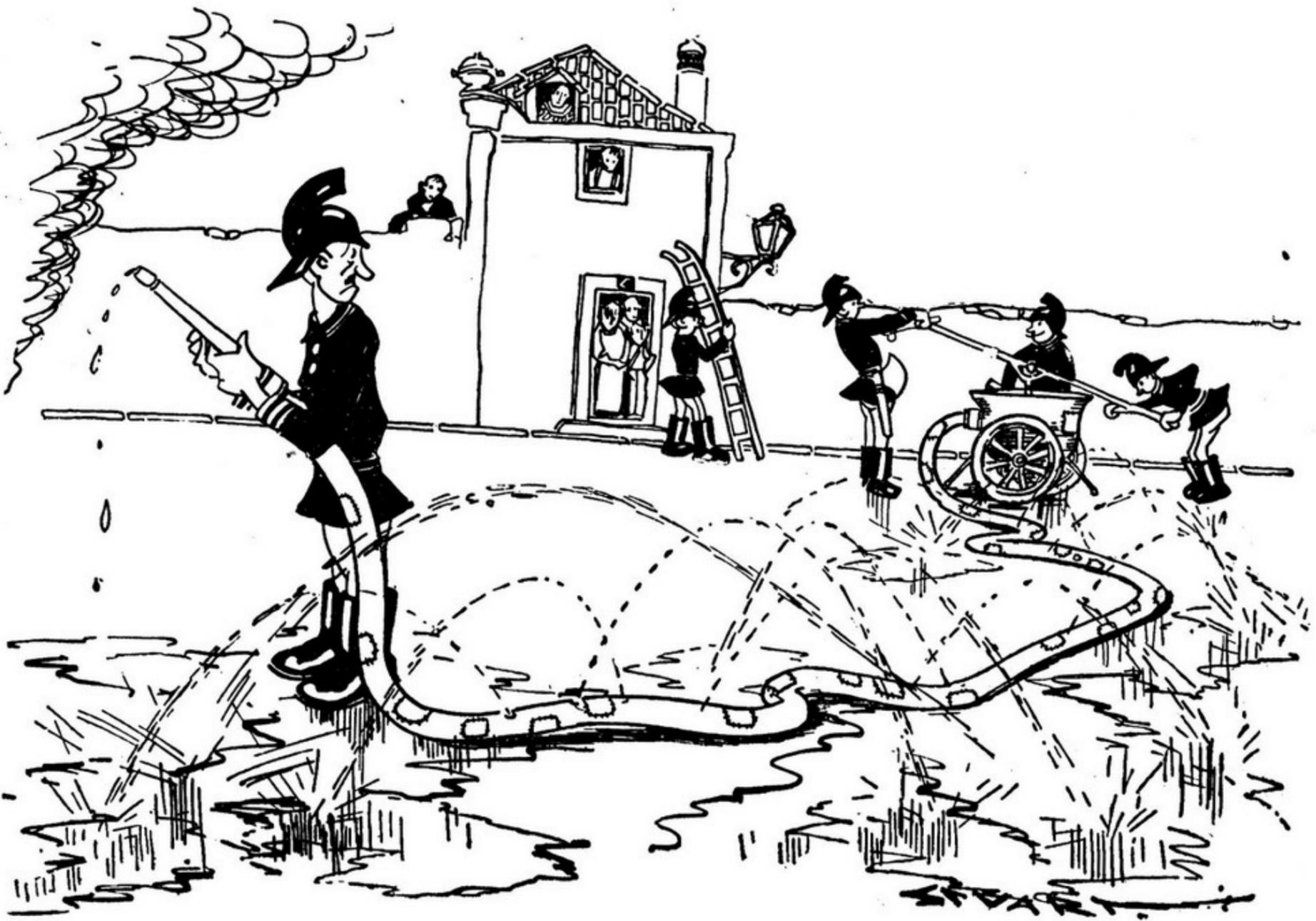
Uff! Acordel! Estava completamente coberto de agua, á excepção do nariz, que conservava de fora. Ha oito dias que, metido na tina, ali comendo e dormindo, com as minhas apolineas fórmulas ao léo, a torneira aberta, aguardava pacientemente a vinda duma gota de agua para retirar a caspa que já ia cobrindo o meu niveo corpo.

Bemdito e louvado sejas, Carlos Peireira, que ouviste por fim as minhas ardentes ovações.

E passando o sabonete pela minha macia epiderme, só recordo com saudade, do meu pesadelo, o amor livre no Chiado, ás cinco horas...

F. G. Costa

NOVOS SANSÕES



—Força, rapazes, ou daqui para o futuro todo o pessoal tem que usar barbas, que não ha nada para elevar a agua como os «barbadinhos»...



O passageiro a mais

Num carro da circulação Gomes Freire-S. Lazaro, o condutor fez a cobrança do Rossio até ao Socorro, mas depois, pelas paragens seguintes até ao Campo de San. Ana, foram-se metendo inumeros passageiros que, somados, perfaziam um numero superior ao permitido para viajar na plataforma.

O condutor fez uma nova cobrança por todo o carro e, chegando a plataforma de traz, contou mais do que uma vez o numero dos passageiros e, como eles fossem onze, convidou a apagar-se o que vinha junto do estribo, quasi suspenso fora do carro.

O cavalheiro, perante a imposição impertinente mas muito positiva do condutor, negou-se a descer, ao que o funcionario da Carris respondeu que ia chamar a policia.

— Que fôssel... Que fôssel...— dizia fleugmaticamente o cavalheiro que tinha sido mandado descer.

O policia veio, convidando a sair o passageiro recalcitrante e, como este resistisse, ameaçou-o com a esquadra, proposta pouco amavel, a que o poseur apenas sorriu e declarou categoricamente:

— Com toda a certeza, o senhor não sabe com quem está falando?!

O policia embuchou, mediu-o umas poucas de vezes com o olhar e, mais delicadamente, pediu-lhe que descesse do carro, a fim de não atrazar a marcha dos outros passageiros, mas obteve novamente igual resposta:

— O senhor não sabe com quem está falando.

Então o policia, intrigado, imaginando a pessoa mais poderosa do mundo naquele simples passageiro, que lhe respondia daquele modo, humildemente, como se dissesse a *mea culpa*, rogou:

— Mas quem é V. Ex.ª?

O sujeito impertinente, com um sorriso nos labios, tirou um bilhete de carro electrico da algibeira do colete, bilhete que comprara quando o carro vinha na rua do Amparo, e respondeu:

— Quem sou eu?... Sou um passageiro que entrou no Rossio e ha muito tempo comprou o seu bilhete!...



— Imagina que me ardeu a casa por causa de um curte-circuito.

— Se fôsse comprido era capaz de arder todo o quarteirão.



— Um entomologo pratico procura a colaboração espontanea de uma vaca para aumentar a sua colecção de insectos.

O elogio das sogras

Carta de uma leitora

O *Sempre Fixe* recebeu a carta que a seguir se publica com o maior prazer, em primeiro logar porque não deseja coarctar o direito de defesa seja a quem fôr, mesmo á mais feroz das sogras, e em segundo logar porque se trata duma senhora, e as senhoras, cá em casa, são tratadas como se fossem flôres.

Eis a carta:

«Sr. Director:

Leio sempre com muito interesse o *Sempre Fixe*, que o meu marido compra todas as semanas para divertir os pequenos. Mas devo confessar-lhe que me desgosta muito vêr os ataques constantes dos seus colaboradores ás sogras.

Eu tenho 30 anos, sou casada ha 12, mãe dum rapaz e duma menina, e por todas estas razões não posso deixar de protestar contra a *sogra-fobia* do *Sempre Fixe*.

Imagine, sr. Director, que o meu pequeno, cada vez que se zanga com a irmã, a primeira amabilidade que lhe diz é esta:

— «Has de ser sogra; não podes ser boala»

A irmã responde logo que *sogra* é um objecto de trazer á cabeça das varinas, e temo-las travadas não sei por quantas horas. Bonito, não lhe parece?

Como tenho saude, graças a Deus, e não quero que minha filha fique para freira num convento de Espanha, ou simplesmente para tia, está nos meus projectos vir a ser sogra um dia; e por isso, naturalmente, permito-me desde já tomar a defesa duma classe tão nobre e tão ridicularizada como a das sogras.

Se ha, na verdade, um ser que se possa chamar «o anjo do lar», esse ser superior é a sogra. Quando a filha chega á idade de namorar, quem é que se encarrega de lhe escolher o noivo? A mãe, isto é, a futura sogra do futuro noivo. A's vezes, bem sei, mas isso é raro, as filhas não estão de acôrdo com as mães... Mas isso não quer dizer nada: a boa intenção da futura sogra era manifesta.

Depois, quando a filha casa, é ainda a sogra que zela estremosamente pela sua felicidade, dizendo-lhe constantemente mal do marido. A filha

zanga-se? O marido indispõe-se, chamando intriguista á sogra? Isso é a excepção — que só serve, como V. Ex.ª sabe, para confirmar a regra. As boas intenções da sogra eram manifestas...

Quando chegam os meninos, a sogra é sempre dum carinho inolvidavel para o genro. Não ha nada que lhe não diga para o convencer de que foi um disparate trazer ao mundo mais um ente, mais uma boca para comer, mais um encargo para o supremo orçamento da familia. Tudo isto com a boa intenção de poupar novamente a filha ás dôres cruéis da maternidade...

Se o genro sai todas as noites para dar um passeio e se distrair um pouco do trabalho, a sogra não se cança de dizer á filha:

— Teu marido é um estroina, que não pára em casa.

Se o marido fica em casa, á noite, a sogra não se farta de dizer para a filha:

— Teu marido, tambem, saiu-me um tal maricas...

Claro está, num caso como noutro, o que a sogra deseja é a felicidade de sua filha, procurando evitar que o marido não vá nem tanto para o mar, nem tanto para a terra, tornando-se ridiculo aos olhos das pessoas de fóra.

Além de tudo isto, a sogra é sempre duma solicitude tão grande com o genro que não deixa de meter o nariz na sua vida particular, tudo com a boa intenção de aconselhar a filha.

Emfim, nunca mais acabaria se pretendesse escrever uma lista completa das virtudes que concorrem numa sogra, e por isso termino, sr. Director, pedindo-lhe que não consinta aos seus redactores continuarem a difamar uma classe á qual eu terei muito gosto em pertencer... daqui a vinte anos. E sobretudo, sr. Director, lembre-se que se não houvesse sogras — nem sequer haveria genros.

Muito grata lhe fica pela publicação destas linhas,

Uma leitora de 30 anos que espera vir a ser sogra.

P. S.—Esquecia-me dizer que a minha sogra morreu quando meu marido tinha três anos de idade.»

EDITAL

Por ordens superiores ficam prohibidos de sair de casa sem terem comido um bife ou outro qualquer alimento todos os cidadãos portuguezes.



Agora sim, vou ter de comer todos os dias...

Charadas em fraze

O burro direito mostra o aparelho. — 2-2.

Decifração: *arreplano*.

Da preposição da mulher já chega a actriz. — 1-3-2.

Decifração: *de Patmyra Basta*.

Lá se apanha uma barrigada do canto. — 2-1-3.

Decifração: *Até se Pançada*.

Não é boa, nem francesa a metade da porcaria do engenheiro. — 1-1-1.

Decifração: *mânica*.

Aquilo que vai para o céu ou para o Tejo guarda muita coisa. — 2-2.

Decifração: *almário*.

Certas dôres da antiga guarda fazem o municipio. — 2-3.

Decifração: *cambrá municipal*.

Apenas confia nos Apostolos a actriz. — 1-2-2.

Decifração: *Sófia Santos*.

Conjugando o verbo *haver* a mulher e o homem fazem a cantadora. — 2-2-3.

Decifração: *Hadelina Fernandes*.

Vende, mas não vê o seu viver a tal mulher. — 2-2.

Decifração: *Polliténica*.

O francês delicado e a experimentada andam na escola. — 2-3.

Decifração: *endevida*.

Do instrumento, a mulher do ferreiro faz o que quer para o teatro. — 3-3.

Decifração: *Violino Ferreira*.

O ser metade gago guardava na cabeça noutros tempos. — 2-1-2.

Decifração: *entigamente*.

Na India formosa antigamente via-se a actriz. — 1-2-3.

Decifração: *Diulinda Maiscedo*.

O aparelho que bombardeou Paris serve para transportar a artista. — 2-1-2.

Decifração: *Bertha de Livar*.

Do candieiro imitando antigas coisas de gazes vê-se o revisteiro. — 2-2.

Decifração: *Bico Lauer*.

O homem vai estampilhado para o teatro. — 3-1-1-2.

Decifração: *Armando Vaeconselos*.

Tem saude o raio do animal que se come. — 1-1-2.

Decifração: *sãodebiche*.

Vale mais na busca o doce em francês que é portuguez. — 1-2.

Decifração: *assucre*.

O embrulho e as duas consoantes precisam de corda. — 2-1.

Decifração: *rolofo*.

O homem da fronteira francesa amurra-se no salão e na femea do nu artistico. — 2-2-1.

Decifração: *Basco Cintana*.



— De que morreu o teu pai?
— De repente.

Historia alcoolica da America do Sul

Um joven cidadão da livre America, filho duma importante firma de Minneapolis, voltou ao seu país, após ter estado quatro anos na Europa.

Na primeira refeição, que reuniu a familia e alguns intimos, lembrou cruelmente ao joven Willy o abismo que separa a cosinha americana da cosinha europeia, no que se refere aos liquidos que servem para auxiliar a digestão dos solidos.

As bebidas eram: laranjadas e agua chalada com assucar.

A inquietação de Willy ia aumentando a olhos vistos — e pensava mesmo já em retomar o caminho da velha Europa, quando o pai o levou para o escritorio e lhe disse:

— Meu pobre rapaz, deves ter sofrido muito ao jantar com a falta de vinho. Mas comprehendes que deante dos nossos amigos é preciso salvar as apparencias. Fica, porém, sabendo que, sempre que estivermos sózinhos os dois, posso dar-te uma pequena compensação.

Abriu o cofre forte, tirou uma garrafa de bom vinho e dois copos.

— A' nossa saude! E consola-te pensando que todas as noites poderemos reeditar esta pequena cerimonia. Mas nunca digas nada a ninguem. A tua pobre mãe não me perdoaria!

Já um pouco mais seguro de si, Willy fol para o seu quarto...

A pobre mãe esperava-o á porta. Beijou-o e disse-lhe ao ouvido:

— Não digas nada a teu pai. Encontrarás dentro do armario uma duzia de garrafas de Porto Velho. Quanto a provisão estiver esgotada, fala comigo, porque eu já tomei as minhas precauções para o reabastecimento...

Willy abraçou-a com um entusiasmo perfeitamente comprehensivel.

Estava para se deitar, quando bateram discretamente á porta. Abriu, e reconheceu a boa tia Betsy, que lhe estendeu logo duas garrafas de cognac, murmurando:

— Chut! Mas que ninguem saiba nada! Como vês, a tua velha tia não te esqueceu. E tenho ainda mais cinquenta iguais nas gavetas de todas as minhas comodas. Dorme bem, meu amor!

E afastou-se, antes mesmo que o rapaz tivesse tempo de lhe agradecer.

Willy, ao deitar-se, pensava: — Felizmente que a familia não é muito numerosa! Porque senão, eu estava alcoolico varrido antes de quinze dias!



O guarda — Com que então, tomando banho aqui?

O ingenho — Não, senhor. Mas se quere esperar um pouco verá como eu mergulho.

Historia do Manel

O Manel viera lá da terra para o serviço militar.

Chegara á cidade com um sacco aos quadradinhos, uma carga de suor e um oh! de pasmo para tudo.

O Manel era esperto, tinha mesmo uma grande intelligencia, simplesmente parecia parvo porque não queria cançar a intelligencia, que já tinha por isso uma certa camada de bolor.

Mandaram-no para infantaria e, como nunca tivesse aprendido o «4 á direita», ainda que para isso seja absolutamente indifferente o ter o curso dos liceus, despacharam-no em grande velocidade para a cosinha, encaixotado numa farpela cinzenta, com as calças muito compridas, o que passava despercebido porque as mangas eram muito curtas.

O Manel era um saio dos autenticos, daqueles que, quando tropeçam numa pedra, voltam-se para traz insultando-a com um «Arrel que é besta!»

Como ele me confessou, andava desgostoso. O cabo fazia-o trabalhar, descascar batatas. Ele mesmo, não tinha queda para aquilo. Não lhe estava na massa de sangue. O seu pai l'vrara-se por uma timanha de saio esperto, no tempo em que ainda havia as sortes. Da terra dele havia de ir um mancebo para a tropa, sendo dois os concorrentes: um rico e o pai do Manel, o Joaquim da Maria.

Estava de antemão combinado que seria o Joaquim o escolhido, mas, para salvar as apparencias, tiravam-se as sortes fazendo batota. Para isso deitavam-se num prato dois papeis enrolados, ambos marcados com uma cruz preta. Tiraria primeiro a sorte

o Joaquim e, como tinham ambos a cruz preta, desenrolado o papelinho, ficava logo apurado.

Chega o dia das sortes. O Joaquim tira o papelinho e engole-o, apanhando roda de bruto, idiota, etc.

— Tem que se fazer novas sortes! — grita um senhor indignado.

— Não é preciso — diz o Joaquim.

— Tire aquele senhor o outro papel.

Se ele ficar com o papel marcado a preto, quer dizer que engoli o branco.

E foi assim que o Joaquim se li

vrou.

Mas voltando ao Manel.

O Manel andava farto de descascar batatas. Um dia viu um companheiro, para escapar ao serviço, despejar um sacco de batatas e meter-se dentro dele.

— Porque não hei de fazer a mesma coisa — pensou o Manel.

E um dia encheu os bolsos de coragem e meteu-se dentro dum sacco. Já ia a pegar no sóno quando entra o cabo, a berrar:

— O' 31, ó 31. Traz um pau forte!

E depois:

— Eu sei que ha menino que se esconde entre as batatas. O' 31, arreia um enxerto nos sacos das batatas.

O Manel dentro do sacco. Olhem que boa perspectiva.

O 31 começa o serviço. Três sacos já levaram. Só faltava o do Manel.

E quando o 31 levanta o pau, para a encadernação do Manel, ouve-se uma voz muito fraca e affitiva, uma voz propria de legumes, saindo do sacco.

— São batatas. Este sacco tem batatas!...

C. E.

CANTIGAS POPULARES



Quanto mais tu me bates mais gosto de ti...

O grande Chaby

O leitor não conhece o famoso principe hindú Aga Khan? Pois este Khan, ou este can, como diria qualquer cidadão de Tuy, é um dos potentados da India misteriosa que mais tem assombrado a Europa por seu luxo oriental. Aga Khan, dizem as gazetas, possui um dos mais ricos studs de cavalos de corrida conhecidos do mundo, e seus animais figuram nos hipodromos de Londres e Paris, ganhando premios importantes.

Mas ha uma coisa referente a Aga Khan que, apesar da sua fama, poucos conhecem. Conhece-a, porém, o bem informado Sempre Fixe.

A seita de Ismaili, um dos ramos do mahometismo, cujo chefe espiritual é esse principe, paga-lhe uma renda anual em ouro, cujo montante varia segundo o peso do agosto Khan. Quer dizer que este jakarê percebe anualmente da igreja mencionada o seu peso em ouro.

Calcula-se que o principe pesa actualmente cento e cincoenta quilos, e desse modo é de se comprehender facilmente a renda exorbitante que lhe paga, sem olhar para traz, a referida seita.

E comprehender-se ha tambem quanto Aga Khan ha de torcer o rabo para não diminuir de peso... Cr'ia grama que diminuir curtar-lhe ha cerca de quatro mil escudos, moeda nossa, que continua, por malapata, ainda desvalorizada!

Ora, este facto vem a proposito da consagração, em vida, do nosso amigo e popular artista Chaby Pinheiro, hoje em terras de França. O nosso Chaby vai ter uma estatua de prata, tal qual como aquela em tempos oferecida a um grande vulto republicano que legislou o Divorcio, a contento das meninas de cadeça leve.

A estatua em questão, que é oferecida pelo Gremio dos Artistas, deve pesar os mesmos quilos que pesa o formidavel e non plus ultra Chaby Uns 200 quilillos bem puxados!

E todos os anos o Gremio, que passa uma vida desafogadissima, irá collocando no pedestal os tantos quilos a mais, ou a menos, que acusar o genial actor.

E' caso, pois, para se lhe endereçar os parabens.

O Chaby de prata vai ser muito fado... e o Chaby de carne e osso vai passar a comer o dôbro do que comia até aqui, a despeito do mau olhado dos matres d'hotel.

A Jesuina, essa, á proporção que o seu marido aumentar de peso, irá diminuindo de figura, sob o ponto de vista fisico, bem entendido!

E esta boite-à-surprise que o Fixe oferece a quem o lê. E não julguem que isto é palão! Os artistas dramaticos, os que choram por dinheiro nos palcos portugueses, é que tiveram o dezarrincanco de consagrar o homem de mais peso que sabe cantar, á carroceiro, o Chora, choradinho...

Dos comicos não reza a historia — nem mesmo a da carochinha!

ivinho.



— Onde arranjaste tu esse chapéu?
— Homem, isto é estupendo. Ontem fui mais cêdo para casa e encontrei-o na mesa.

BOM HUMOR

— Querido sogro! Para que lhe ser-
vem esses olhos?

— Para vêr melhor. Com eles vejo
o dôbro.

— Então não se esqueça de os pôr
quando me der o dote de sua filha...

* * *

Entre amigas:

— O meu noivo apresentou-me a um
tio muito rico.

— E então?

— Caso-me com o tio...

* * *

Na estação de caminho de ferro:

O passageiro, irritado:— Para que
servem estes horários se os comboios
chegam sempre atrasados?

O empregado:— E como é que o se-
nhor sabia que eles chegam atraza-
dos se não houvesse horários?

* * *

O protector:— Porque não trabalha,
se tem fome?

O mendigo:— Já tentei fazê-lo. Mas
cada vez que trabalhava sentia au-
mentar a fome...

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Concurso para a admissão de professores destinados à escola primaria da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses no Introncamento

Carecendo esta Companhia de aumentar o pes-
soal docente na Escola que possui no Introncamento,
faz-se publico que está aberto concurso
documental até o dia 30 do corrente, para
admissão de mais um professor e uma profes-
sora, destinados a ministrar instrução primaria
na referida Escola.

Qualquer candidato, para ser admitido ao con-
curso, terá de provar por documentos auten-
ticos ou autenticados, que satisfaz os seguintes
requisitos:

1.º Ser português; 2.º Não ter idade inferior
a 25 anos nem superior a 35; 3.º Estar de posse
de todos os seus direitos civis; 4.º Ter bom
comportamento moral e civil; 5.º Não sofrer de
doença contagiosa; 6.º Possuir habilitações exi-
gidas para o exercicio do magisterio primario
oficial e pratica qualificada desse exercicio.

O contrato sera por dois annos, podendo ser
sucessivamente renovado por igual periodo, se
convier as duas partes.

Os candidatos que forem escolhidos terão ven-
cimentos eguaes aos que percebem os profes-
sores das escolas primarias elementares officiaes
bem como habilitação conveniente fornecida por
esta Companhia no proprio edificio da Escola.
Além disso, ser-lhes-ha facultada a inscriçao na
Caixa de Pensões de Reforma da Companhia, a
partir da data da primeira renovação do con-
trato, nas condições estabelecidas pelo Regula-
mento de 1 de Janeiro de 1927.

Os candidatos deverão apresentar todos os
seus documentos devidamente autenticados na
Secretaria desta Direcção Geral, na estação de
Santa Apollonia, em Lisboa, até ás 17 horas do
ultimo dia do prazo.

Lisboa, 1 de Outubro de 1928.—O Director Ge-
ral da Companhia, Ferreira de Mesquita.



A esposa — Mas quando me conhe-
cesto era eu jovem, inocente e bela.
O marido — Bem, mas não julgues
que mudaste muito.

AS GRANDES REPORTAGENS

O crime de Chão das Pedras

Depois duma viagem acidentada,
chegamos de avião a esta importante
vila extremaduretense, seguidos duma
escolta de mosquitos. O caso do dia
nesta localidade não é o do dr. Rama-
da Curto, mas o grande e horrível
crime praticado pelo negociante Ven-
turoso nas pessoas de dois velhinhos
e nos cento e cinquenta pinheiros. A
população, num justificado estado de
efervescencia, pretendeu linchar o cri-
minoso, o que não levou a efeito por
o mesmo ter partido de submarino,
devidamente escoltado por automo-
veis blindados, para a sede do conce-
lho, que dista 2.500 quilometros des-
ta localidade. O sr. administrador do
concelho tem envidado todos os es-
forços para esclarecer tão complica-
do assunto e constanos de fonte as-
segurada que já requisitou para a capi-
tal a comparencia do maior detetive
dos ultimos seculos, Custodio dos Sof-
rimentos, que deve estar chegando,
caracterizado de mulher.

Após varias tentativas, consegui-
mos averiguar o seguinte: o negoci-
ante Venturoso, como todo o comer-
ciante que se preza, embora não fal-
sifique letras, como esta provado, fal-
sifica descaradamente o vinho que
fornece, pelo que conseguiu acau-
llar uma respeitavel fortuna em moe-
das de dois testões cupro-niquel, mu-
lto mais valorizadas que as de cupro-
ar e cupro-papel. Trabalhador incan-
savel, não descobriu o caminho ma-
ritimo para a India por ter nascido
um pouco tarde, mas descobriu a me-
lhor forma de vender uvas a metro,
para o que frou patente de invenção.
Estas uvas são criadas numa fazenda
chamada Politana, pelo que são co-
nhecidas como uvas Metropolitanas.
Esta sua descoberta deu-lhe coragem
para novos empreendimentos e, um
dia, travou conhecimento com dois
velhos que tem uma nora viuva com
um apelido muito indecente e mais
três querubins orfãos, filhos da mãe
e netos deles, segundo afirmação duma
conhecido comerciante que tem um
sobrinho que andou no liceu e que a
respeito de intelligencia fica a perder
de vista ao pé da do tio. Os velhi-
nhos em questão moram perto do ce-
miterio e têm ha muito o caminho
traçado para o mesmo.

O Venturoso, incapaz de se apaix-
onar pela velhota, devido á diferen-
ça de idades, armou em padre confes-
sor e prometeu que a transportaria
para o ceo na primeira oportunidade,
num automovel de luxo, e que, para
desanço da sua alma, mandaria rez-
zar trezentas e cinquenta missas se
ela lhe vendesse uns cento e cincoen-
ta pinheiros por 2.000 escudos. A po-
bre da velhota, na perspectiva de ter
um enterro de primeira classe, ac-
cedeu de boa vontade não só em vender
os pinheiros como até o proprio ca-
sal. Fizeram o contrato, abraçaram-
se, beijaram-se, e tudo acabaria bem
se não fosse o demônio da nora ter
protestado veementemente.

O povo soube do caso, tocaram os
sinos a rebate, os cães ladraram, os
gatos miaram e, em sinal de protesto
contra a insolita attude do Venturo-
so, os comerciantes da localidade au-
mentaram cincoenta por cento todos
os artigos. O tio escreveu uma carta
ao tal sobrinho que andou no liceu,
a mulher do Venturoso partiu toda a
louça existente em casa, a nora dos
velhotes transformou-se em sogra en-
raivecida e aquilo tudo acabaria
numa grande revolução se não inter-
vem o administrador do concelho,
que quasi chegou a tirar um bilhete
de entrada gratis para um Hospital
de Alienados. Chamado á adminis-
tração do concelho, o infeliz Venturoso
negou-se a devolver o dinheiro, a'e-
gando que fóra ludibriado na com-
pra, pois os pinheiros não eram bra-
vos nem mansos, mas sim pinheiros
malucos e que o casal era um auten-
tico casal desavindo.

O sr. administrador, metido numa
camisa de onze varas, disse mal da
sua vida e do respectivo lugar e, pa-
ra não misturar alhos com bugalhos,
fechou-se em copas, que é como quem
diz: Moita... quatro vintens!

Estavam as coisas neste pé quando
alguem descobriu que os velhotes ti-
nham sido sequestrados por uma qua-
drilha de colecionadores de objectos
antigos. Aqui ardeu Troia! A popula-
ção amotinou-se, os sinos tangeram
lugubrememente, os cães miaram, os ga-
tos ladraram e o tio escreve nova-
mente ao sobrinho, em nome da ho-
nesta população de Chão das Pedras,
chamando-lhe burro por ter andado
no liceu e não possuir intelligencia
para comer em fatias o chefe da qua-
drilha. Fez-se nova queixa, a impre-
ssa, como é do dominio publico, refe-
riu-se ao assunto com muita prosa e
muitas fotografias dos velhotes em di-
versas posições, predominando a de
côcoras, mas o caso, em vez de se
solucionar, agravou-se quando a po-
pulação de Chão das Pedras, honesta
e laboriosa, descobriu que o malvado
do Venturoso, que afinal é um paço
de Desventura, jurou por todos os
santos da terra e do ceo que não pa-
para os velhotes. Reuniram-se em as-
sembleia geral, convidaram um repre-
sentante do Sempre Fixe para escla-
recer o caso e obrigaram o pobre do
administrador a requisitar a presença
do celebre agente Custodio dos Sof-
rimentos, com a promessa que paga-
riam todas as despesas. O referido
agente, á hora a que escrevo, deve es-
tar chegando de avião.

P. S. — Já depois disto escrito, o
agente Custodio descobriu que não
houvera sequestro nem rapto de ca-
sal, mas sim um pinheiricidio, crime
não previsto pelo codigo, pelo que
mandou em paz o Venturoso. Regres-
sarei ahí, positivamente desiludido,
dentro de dois dias.

Reclx

PUDOR



— Que indecencia! Como estas mulheres não teem
vergonha de andar descalças...

ALEGROS

Alguem que sabe da poda
afirmou numa gazeta
que a mulher da alta roda
tanto mais anda na moda
quanto mais pareça preta.

Só anda, pois, a rigor,
como a moda determina,
quem puder ter o fervor,
a graça, o viço e a côr
da Baker, a Josefina.

P'ra que a preta se distinga
e mostre a sua cultura,
como mundana de aringa,
terá cheiro de catinga
e bananas á cintura.

Em Paris, é já sabido,
ha róstos aristocratas
de excelente colorido
na côr de barro cosido
que possuem as mulatas.

Os labios, são de morango;
o braço, já não tem manga;
perna ao léo, como em Quango;
na dança, a moda é o tango;
no traje, a moda é a tanga.

Sempre a mulher — que tineta! —
p'la m da deu o seu fianco
e esta, então, é de chupeta;
quanto mais parece preta,
mais anda de ponto em branco.

João Triste.

A "Mascotte"

Tenho uma linda mascotte
de cabelos desgrenhados
que até parecem os vossos,
embora menos cuidados...

E quando, p'la manhãzinha,
acordo dos sonhos meus,
a mascotte pisca os olhos
como você faz aos seus...

Entre a mascotte e você
uma dif'rença, só uma:
a mascotte adá-me sorte,
você, não diga nenhuma!

L. F.

As capas do "Sempre Fixe"

Encontram-se á venda,
na nossa administração,
as capas do "Sempre Fixe"
primorosamente illus-
tradas por Francisco Va-
lença.

Só a capa 10\$00.
Capa e encadernação
15\$00.

Coleção completa de um
ano, devidamente enca-
dernada, 40\$00.

Podom, pois, ser requi-
sitados os dois primeiros
anos.

Para a provincia acrece
o porte do correio.

SEMPRE FIXE vende-se na Povoa
de Varzim, na Livraria Academica Edi-
tora.



O que se diz e o que se não deve dizer

Os ultimos desafios de foot-ball

Um dos desafios de *foot-ball* de domingo passado pôs frente a frente o *União Lisboa* e o *União Comercio e Industria*, de Setubal.

Dizem que a união faz a força. Mas o encontro dos dois *Uniões* deu-nos apenas: uma grande fraqueza de jogo...

Era interessante a critica publicada em *O Seculo* sobre o *match* *Belenenses-Vitoria*.

Falando do *team* setubalense, dizia o critico que:

«Desenvolveu uma tecnica vistosa, dentro das conhecidas características do seu jogo, desenhado e trabalhado por fórma a deixar transparecer a intenção de uma maneira definida e eleita, um pouco lenta, protiza e complicada de pequenos golpes na gestação das avançadas... etc... etc... etc...»

Les précieuses ridicules deveriam fazer, assim, criticas de *foot-ball*, se *Molière* ressuscitasse...

A parte a *gestação* — é claro — porque é feio e porque implica a necessidade dum treinador com o curso e diploma de parteira.

Diz mais *O Seculo*:

«O Belenenses jogou com uma linha deanteira kaleidoscópica...»

E mais adiante:

«... Pepe que parece ser a AURORA VITAL do ataque...»

E' o que se chama uma critica metafisica...

Abriu o *Salon* de Paris, rendez-vous dos fanaticos do desporto automobilista.

A novidade mais sensacional de que temos conhecimento é, até agora, a apresentação do *Citroën* com

um motor de seis cilindros. O novo modelo é fornecido com um escadote para subir as rampas.

No ultimo desafio *Sporting-Bemfica*, Jaime Gonçalves jogou pela ultima vez.

Um espectador afirmou: — «O Jaime despede-se hoje do *foot-ball*.»

E outro respondeu: — «Essa agora! Como é que ele pode despedir-se duma coisa que nunca jogou...!»

A piada é boa, embora não seja justa. Com effeito, se Jaime nunca jogou, fazia, em compensação, aquillo que os outros que parecem jogar não sabem fazer. Fazia *goals*... e ás cazadas em cada epoca.

Dialogo conjugal: O marido e a mulher acabam de almoçar. Cada um deles folheia o seu jornal.

Bruscamente, a esposa levanta a cabeça e diz:

— «Vem aqui a historia dum homem que, na Arabia, trocou a mulher por um cavallo. Nunca tu serias capaz de me trocar por um cavallo — não é verdade, querido?»

— «Claro que não!... Em todo o caso... será bom que me não venham tentar com um automovel *grand-sport* de corrida...!»

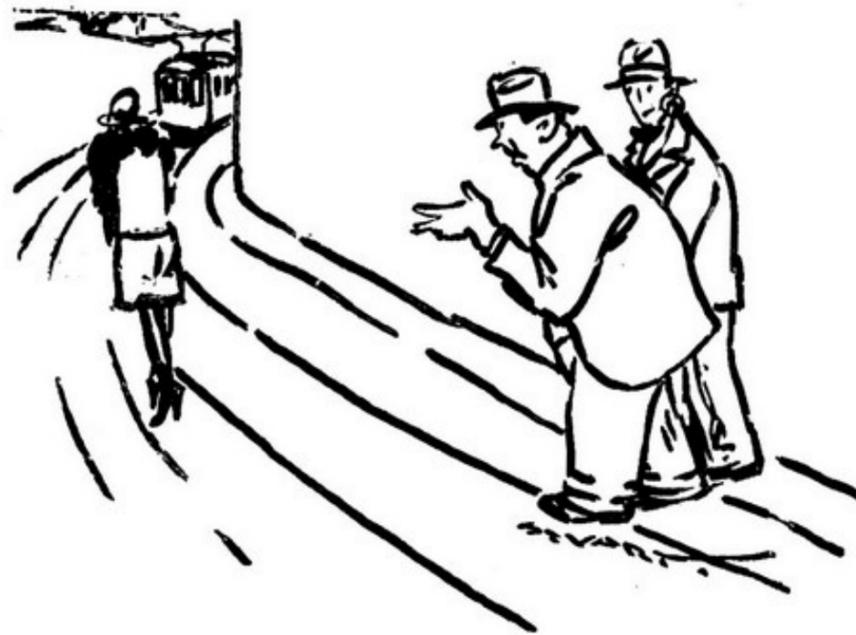
FOOT-BALL DE PEITO...



Alguns dos aparelhos que servem de treino á equipe de foot-ball do Sport Lisboa e Bemfica.



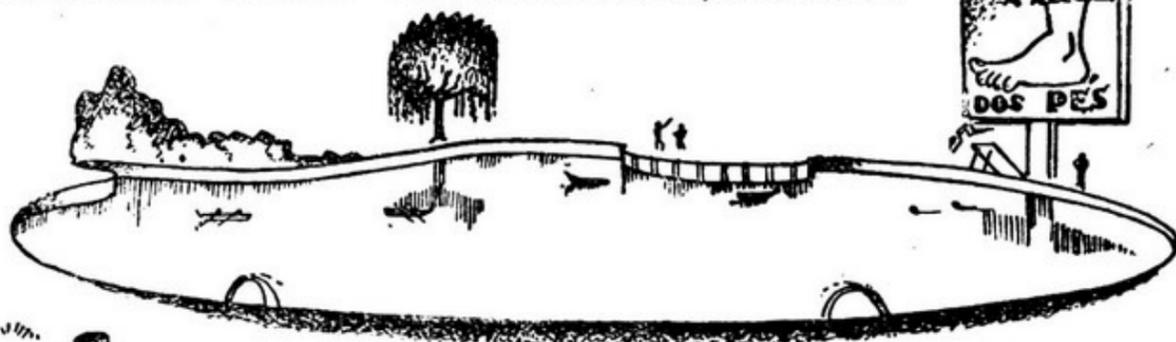
— E' então isto que se chama *ginastica rítmica*?
— E'. E' uma variação do *Fado do Ganga* — o pé no ar e a mão atrás...



— Eu gosto mais das *descalças* que das *calçadas*.
—?!
— Sim, filho, as *calçada*; cançam mais a gente...

ECOS DA SEMANA

O LAGO DO PARQUE EDUARDO VII
LISBOA PÔDE GABAR-SE DE POSSUIR UM LAVATORIO
COMO POUCAS CIDADES. O GOVERNADOR CIVIL, ATENDENDO

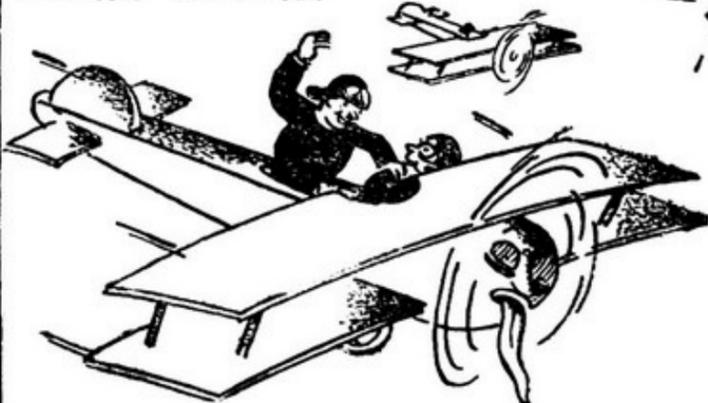


A MAIOR PERCENTAGEM DE PÉS SUJOS,
PORMOTIVO DA NOVA LEI DO PE CALÇADO,
RESOLVEU FRANQUEAR O LAGO PARA
LAVAGEM DOS MESMOS SUPRADITOS.

OS PÉS DESCALÇOS
VEJAM OS LEITORES COMO OS
MAIS PELINTRAS RESOLVERAM
O PROBLEMA. ALGUNS ATÉ EMBRÚ-
LHARAM OS PÉS EM JORNÁIS ...ATA-
DOS COM QUITAS



A CHEGADA A LUANDA
OS APARELHOS, JÁ COM A
LINGUA DE PORA



AS CORRIDAS EM CASCAIS
NO "GRANDE PREMIO"
O CAVALO QUE OBTVEU
A CLASSIFICAÇÃO, ERA
ALIMENTADO POR UM
MOTOR A EXPLOSÃO
DE POLVORA



CHEGARAM A LUANDA, NO BÓIO DE GRANDE
ENTUSIASMO - BRAVOS AOS INTREPIDOS AVIADORES

**OS JORNALISTAS
DO PORTO**
VIERAM A LISBOA VER
OS NOVOS CANDIEIROS
PARA TIRAR O MODELO
E MANDAR FAZER
OUTROS MELHORES...
PARA A CIDADE INVICTA-
E, O QUE SE CHAMA, UMA
VERDADEIRA SENA DE
CIUMES.



D. JOSÉ I ESTÁ REVOLTADO
- CONSTA QUE D. JOSÉ I, REUNINDO A COMPANHIA
DE CIRCO QUE LHE ORNAMENTA O SEU PEDESTAL,
RESOLVEU IR AO MUNICIPIO FAZER UM PROTESTO
CONTRA A USURPAÇÃO QUE ESTÃO REALIZANDO DOS
SEUS TERRITÓRIOS.



ESPERA AÍ QUE EU
TAMBEM VOU...
(DIZ O VELHO MARQUEZ)



PARTAMOS
SEM MAIS
DE TENÇA

COBRAS E LAGARTOS, ETC
TODOS ACOMPANHARAM O SEU REI -

